HÁ DOIS SÉCULOS: UMA DIOCESE

Director: M. Pinho Ferreira. Redacção, Administração e Oficinas: Gráfica do Vouga — R. Batalhão de Caçadores Dez — Aveiro — Propriedade da Diocese de Aveiro

Litoral

Director e Proprietário: David Cristo. Redacção e Administração: Rua Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro. Composição e Impressão: «Tipave» — Estrada de Tabueira — Aveiro

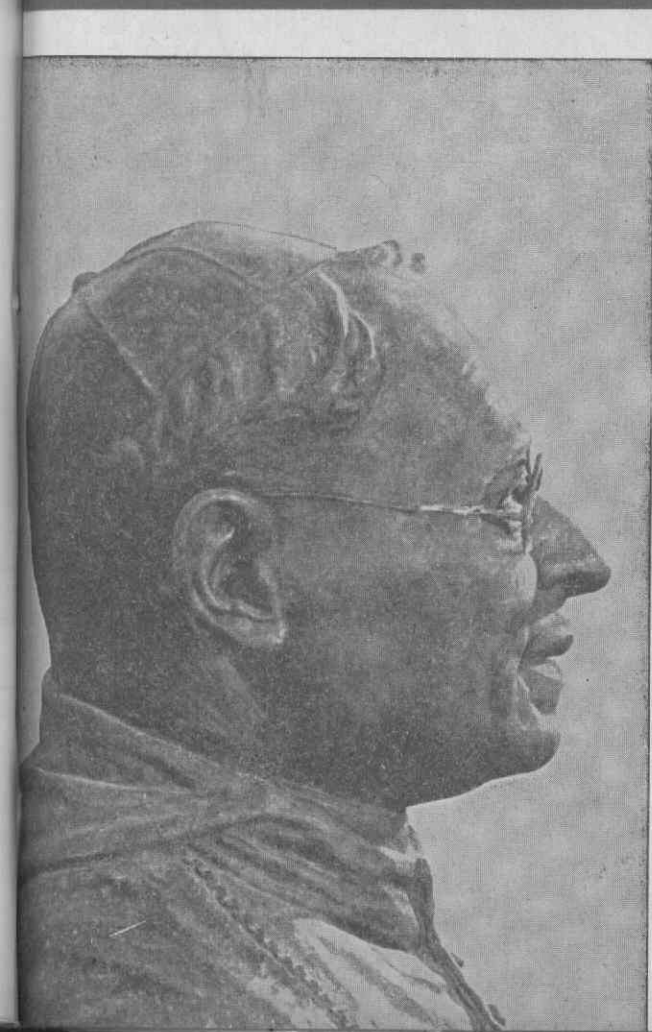
Director: Ulisses Rodrigues Pereira. Propriedade: Editorial Vouga, S. A. R. L. — Redacção, Administração Composição e Impressão: Estrdda de Tabueira — Aveiro

Na Bula que criou a Diocese de Aveiro, deixou-se ao critério do executor a escolha, para Sé, entre dois templos: o da invocação de S. Miguel (hoje inexistente) e o da Misericórdia. Seria este último o escolhido: a igreja da Misericórdia — que a gravura nos mostra no traço de Helder Bandarra — foi a primeira catedral aveirense.

HOJE, e mais uma vez, os três jornais da cidade se irmanam numa comum edição — e, desta vez, para comemorar, simultâneamente, dois acontecimentos da maior relevância na história de Aveiro. Fazem-no sobrepondo às particulares e diversas directrizes de cada um a magnitude dos fastos: situados estes, na sua maior altura, em cotas de religiosas e bem definidas coordenadas, teve, qualquer deles, repercussões sociais e sociológicas de indiscutível magnitude, com particular incidência no meio em que eclodiram — e Aveiro, por via deles, passou a ser MAIS: pelo nascimento, há dois sécuos, de ulma Diocese com sua catedral na cidade; e, há um século, pelo nascimento de um Homem — por coincidência quem mais operosamente labutou para restaurar uma Diocese extinta —, o qual ombrearia, por suas virtudes e talentos, com os mais egrégios vultos cujos berços balancearam no milenário chão aveirense. Os três jornais da cidade, aglutinados — uma vez mais — numa edição comum, demonstram que, em certas culminâncias, todos se podem encontrar — jornais e homens. Oxalá que todos os homens, à semelhança destes jornais, se determinem a liminares e fraternos encontros, lá onde certos encontros podem ser propícios à abertura de mais dilatados caminhos para todos os encontros.

GLORIOSOS FASTOS DE AVEIRO

EM 28 de Setembro de 1773, D. José impetrou a Clemente XIV uma nova Diocese com núcleo e Sé na cidade de Aveiro. Talvez que as determinantes da impetração se não circunscrevessem em piedosas intenções: todavia, — e fundamentalmente é o que importa registar — o Papa, pelo Breve «Militantis Ecclesiae gobernacula», deu existência canónica à Diocese de Aveiro, e fê-lo nos precisos termos e limites do que lhe fora requerido. O importante documento pontifício tem a data de 12 de Abril de 1774 — assim com a vetustez de dois séculos, que rigorosamente se completam daqui a dez dias. Sucedeu que, de vários quadrantes, soprariam ventos a abalar a coluna eclesial aveirense, que, aliás, já fora institucionalizada em atmosfera de tempestades políticas — e, pela Bula «Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gobernandi munus«, de 30 de Setembro de 1881, o Papa Leão XIII extinguiria, com outras, a Diocese de Aveiro — cuja existência, aliás, fora tão breve quanto gloriosa. Mas, pela Bula «Omnium Ecclesiarum», firmada em 24 de Agosto de 1938 pelo Papa Pio XI, viria a ser restaurada a Diocese de Aveiro — e do magno evento foi principal impulsionador o Arcebispo-Bispo D. João Evangelista de Lima Vidal, logo nomeado Administrador Apostólico e, pouco depois, primeiro Bispo da Diocese restaurada. Mas D. João Evangelista — D. JOÃO DE AVEIRO — já firmara (e continuaria a firmar) seus elevados créditos por merecimentos do coração e do cérebro, notabilizando-se como um virtuosíssimo homem em quem a inteligência, a cultura, a prudência, a energia, a sensibilidade, o invulgar dom de comunicar com apurada palavra e salutar exemplo, valorizariam, em dilatados horizontes, a sua prodigiosa acção apostólica e humana. Foi um dos maiores de Aveiro entre os grandes de Portugal. Nasceu em 2 de Abril de 1874 — completa-se hoje, rigorosamente, um século.

D. João Evangelista de Lima Vidal. Escultura de João Calisto, no Museu de Aveiro.

Há Cem Anos

NASCEU UM GRANDE BISPO

UMA VIDA PLENA

MARCOS BIOGRÁFICOS DE D. JOÃO EVANGELISTA

2 DE ABRIL DE 1874 — Nascimento na freguesia da Vera-Cruz, cidade de Aveiro.

19 DE ABRIL DE 1874 — Baptismo na velha igreja da Vera-Cruz.

OUTUBRO DE 1887 — Aluno interno do Seminário de Coimbra.

23 de OUTUBRO DE 1889 — Aluno da Universidade Gregoriana (Roma).

JUNHO DE 1896 — Termo dos estudos universitários. Alcançou diversos prémios e distinções e conquistou os graus de Doutor em Filosofia e Teologia e de Bacharel em Direito Canónico.

10 DE AGOSTO DE 1896 — Ordenação de Subdiácono (Roma).

OUTUBRO DE 1896 — Professor do Seminário de Coimbra.

18 DE OUTUBRO DE 1896 — Ordenação de Diácono (Coimbra).

19 DE DEZEMBRO DE 1896 — Ordenação Sacerdotal na igreja de S. João de Almedina (Coimbra).

25 DE DEZEMBRO DE 1896 — Missa-Nova na igreja de Jesus (Aveiro).

11 DE ABRIL DE 1901 — Cónego Honorário da Sé de Coimbra.

26 DE FEVEREIRO DE 1906 — Cónego Titular da Sé de Coimbra, com o ónus de ensino.

10 DE NOVEMBRO DE 1906 — Posse do lugar de Cónego.

28 DE JANEIRO DE 1909 — Nomeação e apresentação régia para Bispo de Angola e Congo.

29 DE ABRIL DE 1909 — Confirmação pontifícia em Consistório de Cardeais.

29 DE JUNHO DE 1909 — Ordenação Episcopal na Sé de Coimbra, por Mons. Júlio Tonti, Núncio em Portugal.

4 DE AGOSTO DE 1909 — Posse do Bispado, por procuração.

17 DE AGOSTO DE 1909 — Chegada a Luanda, onde foi festivamente recebido.

25 DE AGOSTO DE 1909 — Também Presidente do Conselho Governativo da Província, até 16 de Dezembro deste ano.

11 DE MAIO DE 1914 — Chegada a Lisboa, para dialogar com os governantes sobre o problema missionário.

23 DE OUTUBRO DE 1915 — Apresentou o pedido de renúncia de Bispo de Angola e Congo.

9 DE DEZEMBRO DE 1915 — Nomeação de Arcebispo de Mitilene.

17 DE JANEIRO DE 1916 — Posse e início das novas funções.

19 DE NOVEMBRO DE 1916 — Atentado frustado em Peniche.

7 DE DEZEMBRO DE 1916 — Desacatos em Torres Vedras.

23 DE MAIO DE 1923 — Nomeação de Bispo de Vila Real, com o título pessoal de Arcebispo.

24 DE OUTUBRO DE 1923 — Entrada em Vila Real.

16-18 DE JUNHO DE 1925 — Realização, em Vila Real, dum Congresso de Catequese.

Na Catedral de S. Pedro, Pio XII conversa afectuosamente com D. João Evangelista — Set.º de 1950

In «Lições da Natureza e dos Homens»

« /.../ E quem me poderia reconhecer com estas barbas que me cresceram, com esta cor que se me fez em África ? !»

17-19 DE JUNHO DE 1926 — Realização, também em Vila Real, do I Congresso Litúrgico Português.

11 DE JULHO DE 1926 — Saída para uma viagem ao Brasil, regressando a Vila Real a 20 de Fevereiro de 1927.

12 DE SETEMBRO DE 1931 — Pio XI escolheu-o para primeiro Superior-Geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.

24 DE OUTUBRO DE 1923 — Pio XI enviou-lhe um documento autógrafo, a propósito do juramento solene dos primeiros membros da Sociedade das Missões.

20 DE ABRIL DE 1933 — Assistente ao Sólio Pontifício e Conde Romano.

31 DE MAIO DE 1931 — Nomeação de Arcebispo Titular de Ossirinco, sendo desligado da Diocese de Vila Real.

24 DE AGOSTO DE 1938 — Conjuntamente com a Restauração da Diocese de Aveiro, foi nomeado por Pio XI como seu Administrador Apostólico.

11 DE DEZEMBRO DE 1938 — Posse do mencionado cargo de Administrador Apostólico de Aveiro.

4 DE OUTUBRO DE 1939 — Fundação do Seminário de Santa Joana Princesa, em Aveiro.

12 DE JANEIRO DE 1940 — Nomeação de Bispo de Aveiro com o título pessoal de Arcebispo, deixando as funções de Superior-Geral da Sociedade das Missões.

1 DE MARÇO DE 1940 — Posse do múnus de Arcebispo-Bispo de Aveiro.

6 DE OUTUBRO DE 1940 — Fundação da instituição de caridade e assistência «Florinhas do Vouga», em Aveiro.

11 DE NOVEMBRO DE 1940 — Atentado na Sociedade de Geografia, em Lisboa.

19 DE JANEIRO DE 1941 — Regresso a Aveiro.

21 DE MAIO DE 1944 — Sínodo Diocesano de Aveiro, com a promulgação das respectivas constituições.

25 DE OUTUBRO DE 1951 — Transferência do Seminário para novo edifício ,em Santiago (Aveiro).

6 DE DEZEMBRO DE 1957 — Doença.

5 DE JANEIRO DE 1958 — Falecimento, em Aveiro, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

8 DE JANEIRO DE 1958 — Funerais.

5 DE FEVEREIRO — DE 1958 — Solenes exéquias do 30.º dia.

12-13 DE DEZEMBRO DE 1959 — Homenagem póstuma, no ano jubilar do 50.º aniversário da sua ordenação episcopal.

2 DE ABRIL DE 1974 — Comemoração evocativa do I Centenário do Nascimento.

PADRE JOÃO GONÇALVES GASPAR

No Bicentenário da FUNDAÇÃO *da* DIOCESE

DECORRIA o ano de 1758. A 13 de Dezembro, ao tornar-se público o respectivo processo, comunicava-se oficialmente ao país ter sido D. José I vítima dum atentado na noite de 3 para 4 de Setembro; entre os implicados, encontrava-se o Duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas, Grão-Mestre da Casa Real. Em face dessa versão, urdida em segredo durante meses, a população aveirense verberou indignadamente o «horroroso e sacrílego insulto»; revoltando-se também contra o donatário da vila, pediu que ficasse sob a tutela imediata de el-Rei.

O Monarca mostrou-se sensível e agradecido e procurou, desde logo, valorizar a vila, coadjuvado eficazmente pelo Marquês de Pombal. A 25 de Julho de 1759, subscrevia o documento que a elevava a cidade, com «todos os privilégios e liberdades de que devem gozar e gozam as outras cidades deste reino, concorrendo com elas em todos os actos públicos e usando os cidadãos da mesma cidade de todas as distinções e preeminências de que usam os de todas as outras cidades». A 19 de Setembro de 1760. D. José I assinava uma provisão pela qual ficavam «as vilas da comarca ou correição sujeitas ao corregedor da comarca desta cidade», ordenando-lhe «que o provedor, que até então tinha sido de Esgueira, o ficasse sendo de Aveiro». O Governo mostrou ainda efectivo interesse pela melhoria da barra e pela instalação de indústrias de vidro e de seda, embora o índice populacional da nova cidade, nessa segunda metade do século XVIII, continuasse a declinar.

Dentro deste plano de engrandecimento de Aveiro torna-se fácil enquadrar o propósito de el-Rei e de Carvalho e Melo em estabelecer aqui uma sede episcopal, tanto mais que a nova cidade era também um centro de piedade à volta do túmulo e das cinzas da Princesa Santa Joana. A 28 de Setembro de 1773, D. José I dirigia ao Papa Clemente XIV uma carta em que pedia a Sua Santidade a partilha da «disforme extensão do Bispado de Coimbra», separando-se «a comarca de Esgueira para nela constituir uma nova Diocese, a que sirva de cabeça a cidade de Aveiro, constituindo a mesma comarca o território da nova Diocese».

Não podemos deixar de referir aqui uma outra circunstância que porventura terá também influído no ânimo do Marquês para o levar o tomar a resolução que nos ocupa. Vítima do despotismo pombalino, o valoroso e heróico Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, encontrava-se desde há anos encarcerado em condições desumanas. Foi precisamente nesta altura que D. José I e Carvalho e Melo resolveram solicitar a divisão da Diocese Conimbricense. Será descabido duvidar se se pretendia a erecção do Bispado de Aveiro apenas para maior serviço de Deus e bem das almas, acrescidos embora do intuito de engrandecer a cidade, ou ainda para amesquinhar um Prelado destemido? Entra aqui o dedo de Deus, conduzindo a história dos homens, mesmo servindo-se de intenções menos puras, para fazer brotar as suas obras admiráveis.

Após o respectivo processo em ordem à possível criação papal do novo Bispado, o Sumo Pontífice, pelo Breve Militantis Ecclesiae gubernacula, de 12 de Abril de 1774, erigiu canonicamente a Diocese de Aveiro, nos termos e segundo os limites em que lhe fora solicitado por el-Rei. Pertencia-lhe toda a comarca, correição ou provedoria de Esgueira que, no século XVIII, agrupava 72 freguesias, com mais de 20 000 fogos e com cerca de 75 000 almas. Aveiro, «edificada numa planície» que «se compõe de cerca de duas mil casas e é habitada por sete mil fiéis», ficou, pois, a ser também cidade episcopal. Foi há duzentos anos; estamos a recordar o segundo centenário do facto marcante na história religiosa de Aveiro.

GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE AVEIRO

A Diocese de Aveiro e D. João Evangelista de Lima Vidal

Aveiro vai comemorar muito justamente o II Centenário da Criação da sua Diocese e o I Centenário do nascimento dum dos mais eminentes aveirenses, D. João Evangelista de Lima Vidal.

Conhecemo-lo, quando frequentámos o Liceu José Estevão, o Insigne Prelado Aveirense, um dos mais notáveis Bispos Portugueses.

Nascido na que foi a Rua de S. Paulo, hoje do Gravito, D. João Evangelista foi um escritor de inexcedível singeleza, em cujos livros fazia sempre aflorar a sua origem da Beira-Ria.

Foi missionário dos mais abnegados, educador, generoso, humilde e bom.

Era um HOMEM na verdadeira acepção do termo.

Aveiro que o mantém presente no coração, eterniza-o hoje no bronze.

Restaurou a nossa Diocese, a qual comemora o II Centenário.

O Governador Civil associa-se às merecidas festividades, aproveitando para cumprimentar na pessoa do nosso Bispo D. Manuel o Clero Aveirense e faz votos para que o mais breve possível, Aveiro possa comemorar o notável facto de a Diocese de Aveiro corresponder à divisão administrativa do Distrito.

Aveiro, 2 de Abril de 1974

O Governador Civil

Horácio Marçal

Os brasões-de-fé dos três Bispos da primeira Igreja aveirense: em cima, de D. António Freire Gameiro de Sousa; ao centro, de D. António José Cordeiro; em baixo, de D. Manuel Pacheco de Resende.

O n.º 56 (Série 2.ª), de 21 de Janeiro de 1843, do famoso «Jornal Literário e Instructivo» O PANORAMA, deu à estampa, sobre informação de desenho anterior, a xilogravura, aqui reproduzida, que nos mostra um aspecto da cidade de Aveiro no século XVIII, ainda cinturada com abundantes reminiscências da muralha do Infante. E assim seria Aveiro, aproximadamente, neste ângulo, por alturas da criação da Diocese.

MONS. RAUL DUARTE MIRA

SERIA PARA MIM DOLOROSO...

SERIA, para mim, doloroso que passasse o centenário do nascimento do Arcebispo-Bispo de Aveiro, Dom João Evangelista de Lima Vidal, sem uma palavra minha.

Sou seu amigo muito verdadeiro e servi-o vigorosamente, numa grande abertura e intimidade. Só tenho pena de que, ainda no rescaldo de grave doença, eu não possa dar nem tempo nem profundidade ao que vou dizer. Mas dou-lhe simplesmente a minha devotada sinceridade amiga, numa leve apreciação psicológica duma das mais impressionantes expressões do seu temperamento.

Quem o conheceu, sabe-o muito bem ! o Senhor Arcebispo era muito agradável no seu conversar .Com uma imaginação muito viva e muito pronta, salientava o quadro, geralmente vivido por si, com colorido e graça. Isto, tanto no conversar como no escrever. Acompanhado sempre do seu canhenho, em qualquer lugar fazia da mão esquerda sua secretária e de qualquer garoto um conversante.

As ideias muito vivas não toleravam delongas para serem expressas, — e então os *linguados* sucediam-se, ao correr da pena, deambulando, geralmente, em campo recolhido. E o seu escrever, como o seu rezar, tinha, para ele, o seu ritual, que seguia invariàvelmente e que ninguém ousava perturbar. Que ninguém devia perturbar.

Mas eu, se belisquei, por momentos este viver do nosso Arcebispo, — um viver vaporoso, simples, pobre e comunicativo, — foi para cair na análise (que não poderei aprofundar) duma faceta bem essencial ao seu temperamento impressionista : apesar de todo este luzismo de comunicação, era um temperamento concentrado. E foi precisamente esta sua modalidade psíquica que esteve no alicerce duma vida de glória e martírio. Um cristão não desconhece a acção da graça que nesta bela alma instintivamente a levava em busca de equilíbrio. Equilíbrio por vezes muito difícil.

E assim abria-se, ternamente, às crianças, aos pobres, aos simples; como às flores, como a qualquer ferro-velho que encontrasse pelos caminhos. Entusiasmava-se com os sábios, com os inteligentes, com os grandes do seu tempo. De momento, passava aos problemas da metafísica ou do progresso, — como sentia com o mar, os ventos com as montanhas. Quando entrava na oração, sumia-se. A sua alma abismava-se na intimidade amiga de Deus.

Toda esta actividade, com efeito, parecia indispensável ao seu equilíbrio psíquico, como complemento englobante, para empregar o termo actual.

* * *

Confessamos apesar de tudo, que toda esta vida borbulhante e comunicativa, tendia, por vezes, a um ponto de melindre. O Senhor Arcebispo, em ocasiões de revês, real ou imaginário, evadia-se a silêncio profundo: e se não explodia calava ! A vontade impunha, nesse momento, tampão hermético de censura. Creio que seria ainda um refúgio de equilíbrio. Parecia crescer repugnância no falar; e por isso calava. Teimava, em calar, geralmente.

E, era escusado : nessa altura, podia uma pessoa fazer as perguntas que quisesse; apresentar argumentos mais gritantes; arengar conhecimentos profundos do que se tratava; trazer opiniões de pessoas de peso ou de amizade : ele calava ! O único caminho para o monologante seria então dizer : «Senhor Bispo, Adeus» ! E ir-se embora.

Quase sempre, daí a um ou dois dias, muito pensada, lá estava a bater à nossa porta, uma carta ou uma palavra do Arcebispo .

* * *

Conta-se que o grande Bispo de Coimbra, Dom Manuel Luiz Coelho da Silva, ao morrer, dissera : «A minha consciência não me acusa de ter voluntàriamente pecado contra a justiça.»

O Senhor Dom João foi também um Bispo justo. E por isso, um grande Bispo.

O primeiro retrato do Bispo — D. João Evangelista contava então (1909) trinta e cinco anos de idade.

Evocando Lima Vidal

AQUELE SÉRGIO!

DR. JOSÉ DE MELO

ESTÁ Lima Vidal na ordem do dia. Onde ficará a estátua. E que em frente do Museu. E junto da Ria, perto da proa de uma bateira. E que o não coloquem como sentinela, lá onde parece que terão pensado pô-lo. Mas em Aveiro, sim. Como a Universidade, a Universidade de Aveiro.

Pois o nosso Bispo, o Velho, — e já D. Manuel o reconheceu publicamente, — é uma figura singular. O que fala de uma criança, — de mim, por exemplo, num apontamento no **Correio do Vouga**, — lembrando suas estadas na Torreira; aquele de que me falou Nemésio numa pastelaria de Lisboa, por volta de 65, pelas zero horas; aquele que burlou o Sérgio, melhor, que o Sérgio burlou.

Um dia, o Dr. Patrício recomendou que fizéssemos uma monografia sobre terras portuguesas. O Sérgio, de Albergaria, escolheu Angola, terra do nosso bom Bispo. Mas Albergaria, em Angola, para o Sérgio, só com a ajuda do material do Paço, de um livro de que o Paço ficou desfalcado.

Atendeu-nos o Rev.º P.º Fidalgo, e opôs-se, porque o Paço apenas tinha um exemplar. Insistimos em falar com D. João, e a porta abriu-se, que pesasse ao nosso P.º Fidalgo. P.º Fidalgo que nos leva à presença do Bispo, e que insiste em que o livro não poderia ser emprestado. E como poderia o Sérgio fazer a monografia encomendada pelo Dr. Patrício?

D. João Evangelista de Lima Vidal deu a última palavra: que emprestasse o P.º Fidalgo o livro aos rapazes. E o livro veio connosco. Veio, — e ficou.

A monografia do Sérgio resultou excelente. Com gravuras e tudo. Com as gravuras tiradas do livro de D. João. Recortadas, exemplarmente recortadas.

Entro no quarto do Sérgio, às Cinco Bicas, uma bela tarde. Vi o trabalho do Sérgio, — um belo trabalho, note-se, — e fiquei passado. Não de inveja, claro, mas pelo que todos estamos a ver. E agora, Sérgio? E agora?

Razão tinha o Rev.º P.º Fidalgo. Ele tinha razão. Mas o nosso Bispo era assim, e assim eu o evoco, entre dois quefazeres, nesta comovida e envergonhada crónica.

"LIMA VIDAL NO SEU TEMPO,,

Ontem, 1, apareceu nos escaparates o primeiro dos três volumes da obra LIMA VIDAL NO SEU TEMPO, da autoria do distinto investigador e polígrafo Padre João Gonçalves Gaspar, que já nos dera convincente mostra dos seus raros merecimentos de historiógrafo, além do mais, com o valiosíssimo trabalho A DIOCESE DE AVEIRO — SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA.

Limitando-nos, por agora, a este sucinto anúncio, apenas acrescentaremos que a edição — primorosa — é da Junta Distrital de Aveiro.

Euclides Vaz, autor do monumento a D. João Evangelista, também cunhou a medalha (de que reproduzimos aqui o anverso e o reverso) comemorativa do I Centenário do Nascimento do egrégio aveirense.

EM TEMPO DE FESTA

D. JÚLIO TAVARES REBIMBAS
ARCEBISPO DE MITILENE

É só muito ràpidamente, o tempo não dá para mais, que venho escrever umas palavras a associar-me às celebrações do primeiro centenário do nascimento do Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal e do segundo centenário da criação da Diocese de Aveiro.

A Diocese restaurada embalou-me como sem narista, nela fui ordenado padre e bispo, e por aí trabalhei naqueles anos em que tudo são projectos na vida, alguns que se realizam, outros que ficam para sempre à espera. E por longe que ande, lembro-me do berço e não é mal nenhum ser fiel às raízes e, quando se pode, regressar um pouco à respiração do ar da nossa terra e do nosso mar, ouvir as vozes dos amigos, sentir o balanço dos seus problemas, conviver um pouco com sua gente. É sempre chegar a casa depois de viagem, parar um pouco, para recomeçar no dia seguinte o trabalho árduo que nos envolve.

Aqui venho agora, em tempo de festa, associar-me a todos. E lembrar, mais uma vez, aquele que foi corpo e alma da restauração diocesana, revestido de Aveiro até à medula, por aí significado em tantas realizações, justamente celebrado no primeiro centenário do seu nascimento pelo povo que tanto amou e a quem deu tudo.

Estou a imaginar o Senhor D. João nestas festas. O seu vulto um pouco inclinado, os seus pensamentos, a sua poesia; vê-lo aceitar humildemente a homenagem da sua querida Diocese de Aveiro, a tomar o seu caderno de notas e a descrever, aí, ao pé da Igreja da Vera Cruz, no meio do bulício da inauguração da sua estátua, *alguma* do padre Passante, ou os olhos dos meninos da beira-mar, ou o seu Seminário, ou que nasceu na proa duma bateira, em qualquer dos casos a dizer que trazia Aveiro dentro do peito . . .

Penso que também Aveiro traz a sua recordação dentro do peito, porque Ele foi Alguém que se lhe deu inteiramente.

* * *

Fui ordenado presbítero pelo Senhor D. João, em S. Pedro de Pardilhó e tenho a sua figura bem presente, nesse dia já tão distante.

Lembro-me de quando me chamou e me nomeou coadjutor de Ílhavo, depois pároco de Avelãs e passado três anos pároco de Ílhavo. Lembro-me de como conversou comigo, o que me disse, sentado num velho sofá, com uma camisola de malha por cima da batina, rodeado dos seus papéis. Naquele tempo não havia tantos diálogos ou, se os havia, tinham outra forma e o Senhor D. João, por vezes, não estava com meias medidas e nós já sabíamos como era, o que facilitava muito as coisas. Ponto final para ele não era ponto e vírgula . . . E lembro-me . . . mas para quê lembrar ? . . . Não acabaria mais.

Fico-me por aqui nesta simples evocação de Alguém que marcou profundamente Aveiro e a sua gente, que apaixonadamente amou a sua terra, fazendo-a renascer como Diocese e sabendo ser, pela sua bondade e pela sua maneira de ser bispo, o centro de unidade à volta do qual ela se refez.

E acabo quase sem começar, com a frase que muitas vezes lhe ouvi : «tibi silentium laus».

Lisboa, 25 de Março de 1974

FÉRIAS *em* S. JACINTO

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

EM S. Jacinto (beira do mar) funcionaram em tempos 7 companhias de xávega, o que dava à localidade movimento inusitado durante o verão, e apenas enquanto era tempo apropriado para a pesca.

Um tal movimento e equipamento piscatório obrigava a que lá se instalasse um Posto da Guarda Fiscal com agentes que pusessem os olhos do Ministério das Finanças nas actividades concomitantes. E, falar em Posto, é como dizer que havia uma casa própria para instalação do mesmo, a qual, embora toda de madeira, era bastante mais aperaltada do que os banais «palheiros» que a circundavam, estendidos alongadamente pelo enorme areal onde se movimentavam as artes da pesca.

Isto passava-se nos anos 20 e depois, como as companhias entrassem em decadência, começaram os palheiros a ser vendidos a particulares que assim fizeram naquelas paragens as suas casas de praia.

Uma delas era do Dr. Querubim Guimarães e lá se albergava toda a sua numerosa Família nos meses de Agosto, Setembro e parte de Outubro, regra geral até passar o dia da Festa da Senhora das Areias.

A Sueste destes «palheiros» estava e está instalada a Base Aérea de S. Jacinto. Inicialmente dedicada à aviação naval, com hidroaviões que não precisavam de pistas terrestres, veio a converter-se em Base de aeroplanos, agora com necessidade dessas mesmas pistas.

A técnica desenvolveu-se e as ampliações das intalações terrestres tiveram que acompanhar paralelamente esse desenvolvimento.

Entretanto, com a extinção sucessiva das companhas e o crescente desenvolvimento da povoação à beira da Ria, foi transferida a Guarda Fiscal para o centro da localidade e vendido em hasta pública o palheiro onde até então estivera instalada.

Comprou-o também o Dr. Querubim Guimarães, embora se soubesse já que ele teria que ser demolido por força do crescimento da pista dos aviões.

Pois foi esse «palheiro», hoje demolido, que durante um verão se transformou em Castelgandolfo da Diocese aveirense.

Convidado o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, lá se instalou com um Sacerdote seu Secretário, em jeito daquilo que hoje se chama «residencial», pois vinha tomar as refeições ao outro «palheiro» onde estavam o Dr. Querubim e a Família cujos membros se disputavam alegremente o prazer de prestar algum serviço ao incomparável Bispo da Diocese já restaurada (isto era por 1940).

Homem de Igreja, sempre com palavra eloquentemente fácil, era um *gigante* em todo o seu trato e convívio. E dizemos assim, com esta palavra por ser com ela que ele sempre se referia a alguém por quem desejava demonstrar admiração, pronunciando-a sempre com um significativo esbugalhar dos seus olhos faiscantes e inesquecíveis.

Era um *Gigante*. E alguns sustos nos pregou porque, depois de se levantar e tomar o pequeno almoço, fazia vigorosas maratonas pedestres pelas areias da beira do mar, sumindo-se da nossa vista em direcção ao Norte donde apenas regressava cheio de alegria, com aquele sorriso feliz que tão amorável o tornava para todos, quando o relógio rondava as 14 horas.

Gostava de molhar os pés na água do mar e, no regresso, contava-nos com ar brincalhão, como fizera uma pausa no seu passeio, para se descalçar e satisfazer o seu desejo. Talvez por isso e para isso, recusava sempre qualquer oferta de companhia. Os sustos terminavam sempre em risos e narrativas encantadoras das peripécias acontecidas.

«Homem de Igreja», sim! Mas admirador incontestado da Natureza como deixava sempre transparecer em todos os seus escritos e na consabida frase que para mim é um autêntico verso, cheio de virtuosismo: «nasci na proa de um barco».

Amante da natureza, escreveu o livro «Lições da Natureza e dos Homens», e manteve-se «Homem de Igreja» sem naturalismo ateu, mas antes como S. Francisco de Assis.

Amigo dos homens — «passo a minha vida a pedir para os outros» —, não praticava um humanismo post-renascentista mas procurava a conduta do pensamento da escolástica.

Não terminarei sem pedir aos meus leitores que me desculpem por eu ter ousado levantar os olhos e o pensamento para um *Gigante* da envergadura do Senhor D. João.

D. João Evangelista de Lima Vidal e D. Domingos da Apresentação Fernandes — o primeiro e o segundo Bispos da Diocese restaurada.

PROGRAMA DAS CELEBRAÇÕES **2.IV.74**

17.30 h. — Abertura da EXPOSIÇÃO ICONO-BIO-BIBLIOGRÁFICA no Salão Municipal de Cultura.

18.30 h. — Descerramento da ESTÁTUA DE D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL no Largo da Apresentação.

19 h. — CONCELEBRAÇÃO, na igreja paroquial da Vera-Cruz, presidida pelo Prelado da Diocese, e na qual participarão os Bispos da Província Eclesiástica Bracarense, os Bispos naturais do Distrito e o Clero diocesano.

21.45 h. — SESSÃO SOLENE no Teatro Aveirense, em que será conferencista o Senhor D. António Ferreira Gomes Bispo do Porto.

NO I CENTENÁRIO

D. MOYSÉS ALVES DE PINHO
ARCEBISPO RESIGNATÁRIO DE LUANDA

NESTE dia dois de Abril passa o 1.º centenário do nascimento do Senhor Dom João Evangelista de Lima Vidal.

Compreende-se que os aveirenses conhecedores da sua vida, desejem celebrar esta data e recordar a memória de tão ilustre filho de Aveiro. Compreende-se, igualmente, que a imprensa local não queira deixar passar despercebida uma data por tantos títulos digna de ser recordada.

Pertencendo ao Distrito de Aveiro e tendo trabalhado no mesmo campo em que o homenageado tanto se distinguiu, não podia deixar de anuir, de muito bom grado, ao atencioso convite que me foi dirigido, tanto mais que o Sr. D. João Evangelista foi um dos consagrantes, quando, em Viana do Castelo, a 17 de Julho de 1932, recebi a plenitude do Sacerdócio, e vim trabalhar para Angola.

Aqui exerceu o Sr. D. João Evangelista a sua actividade pastoral em situações várias e, por vezes, difíceis.

Em todas revelou aquela facilidade de adaptação, tida por S. Paulo em grande apreço, quando inspirada pelo desejo de bem servir e sem exitar diante do sacrifício.

A carreira Episcopal do Sr. D. João Evangelista ilustra admirávelmente o lema de S. Paulo — TUDO PARA TODOS, PARA A TODOS TRAZER A CRISTO.

Terminados, com brilho, os seus estudos em Roma, logo lhe foi necessário adaptar-se à vida de professor no Seminário e a um princípio de colaboração no governo da Diocese a que então pertencia.

Do modo como soube adaptar-se a esta primeira iniciação dá significativo testemunho o facto da sua nomeação, poucos anos depois, para Bispo da Diocese de Angola e Congo.

Chegado a Luanda numa ausência do Governador, logo se viu investido, por disposição da lei então vigente, nas funções de presidente do conselho governativo. Necessário lhe foi orientar o estudo e a solução de problemas, por vezes delicados. Houve-se com a prudência desejável e aplicou-se a bem servir.

Iniciou o seu ministério pastoral pela visita às missões de Cabinda no extremo norte de Angola. A existência, ao tempo, de uma Divisão Naval facilitava as viagens para aquelas paragens, dado o frequente movimento de navios por motivos de serviço.

As poucas missões de então situavam-se no litoral e não ficavam muito distantes umas das outras.

O meio de transporte habitual pelo interior era a tipóia. Não tardou que se começasse a utilizar também o cavalo.

Por ali se demorou boa parte do ano de 1910. Criou a paróquia da vila, dado que a missão funcionando no extremo sul da povoação, embora não muito distante, não era de fácil acesso para a população fixada a norte. O edifício que se pensava adaptar provisóriamente a igreja recebeu outro destino depois dos acontecimentos de 5 de Outubro de 1910 e só posteriormente se construiu no centro da povoação, já bastante desenvolvida a igreja paroquial consagrada a Maria Rainha do Mundo.

Do extremo norte passou o activo Prelado a visitar os planaltos do Huambo e Bié onde os missionários espiritanos tinham importantes missões. Foi à região dos Ganguelas e avançou para além do rio Cubango até ao Cuanhama no extremo sul de Angola.

Naquele tempo era preciso ter coragem e resistência para empreender viagens destas. Não havia estradas e andava-se a cavalo ou em boi-cavalo. Muitas vezes usava-se o carro-boer, carroça sólida de madeira e coberta por um toldo, puxada por algumas juntas de bois a corta-mato. À noite tinha-se um abrigo, mas era preciso organizar a defesa das pessoas e do gado em descanso contra as feras. Andar dias seguidos em viagens destas não era para todos.

Perigos por parte das populações nativas não havia. Eram, geralmente, pacíficas e acolhedoras, em tempos de paz pelo menos.

Com alguma rara excepção, quando iniciei a minha antividade em Angola já podia ir a toda a parte de automóvel, embora por picadas com muitos percalços e surpresas.

Hoje, vai-se a muitas partes de avião, de comboio ou de automóvel por caminhos já merecedores do nome de estradas muitas delas asfaltadas.

Em poucos anos o progresso foi imenso.

Mas voltemos atraz.

Em Silva Porto, capital do Bié, erigiu o Sr. D. João Evangelista a paróquia de S. Lourenço, cuja igreja aumentada passou a ser catedral da diocese de Silva Porto.

De regresso a Luanda, quantas mudanças não veio encontrar o zeloso pastor em razão da mudança de regime político.

O futuro apresentava-se sombrio e incerto.

Com a esperança de levar os responsáveis a reflectir e a não sacrificar de ânimo leve os destinos da Nação,, o Sr. D. João Evangelista embarcou para a Metrópole.

Divisões e ambições partidárias, agravadas pela 1.ª Guerra Mundial não eram ambiente favorável para fazer ouvir a sua voz.

Instado pelo sr. Patriarca Mendes Belo a coadjuvá-lo como Vigário Geral e Arcebispo de Mitylene, trabalhou com grande dedicação no governo do patriarcado, especialmente no recrutamento e formação de futuros sacerdotes.

Posteriormente, tomou parte notável na organização da Sociedade das Missões Ultramarinas.

Seguidamente, foi incansável na organização de nova diocese de Vila Real.

Atravessou o Oceano para solicitar a generosidade dos portugueses fixados no Brasil, para dotar a nova diocese dum novo e amplo seminário.

Por último, restaurada a diocese de Aveiro, foi ao sr. D. João Evangelista confiada a missão de governar e dotar de vida própria e autónoma a diocese, onde havia nascido. A esta obra consagrou os últimos anos duma vida fecunda em benefícios de toda a sorte, sempre orientada pelo desejo de bem servir.

O seu exemplo será facho luminoso a iluminar e a estimular as almas grandes.

D. JOÃO EVANGELISTA *e os* SEMINÁRIOS

Um Seminário onde se formem, em ambiente sadio, familiar mas exigente, bons padres, tem uma repercussão benéfica incalculável na vida de uma Diocese. Também é verdade o contrário. A decadência da vida religiosa e moral de um povo anda ordinariamente ligada à decadência das instituições de formação eclesiástica.

Foi por estar intimamente convencido destas realidades que D. João de Lima Vidal prestou, ao longo da vida, nas diversas situações em que a Providência o colocou, a mais cuidada atenção ao problema dos Seminários.

Naquele dia 5 de Janeiro de 1958 — o último dia que viveu na terra — alguém abriu de par em par, para entrar ar fresco, as janelas do quarto do Hospital da Misericórdia. Através delas o Arcebispo pôde ver, num relance, o edifício do Seminário de Santa Joana Princesa que lhe ficava defronte, as paredes de tijolo vermelho e as duas torres que dominam, com elegância, os plainos da beira-ria. Poucos segundos depois uma embolia acabava por vitimá-lo. Lima Vidal partia para a outra vida com a imagem do Seminário no coração.

Pode dizer-se que o problema da educação dos futuros padres e das instituições que pudessem realizar eficazmente esta finalidade foi a preocupação dominante de toda a sua vida.

Regressado de Roma, após estudos brilhantes feitos na Universidade Gregoriana e de cuidada preparação espiritual no Colégio Caprânica — o Colégio que ele nunca mais havia de esquecer! — Lima Vidal viu-se, de repente, encarregado da formação dos candidatos ao sacerdócio. Em Coimbra ele não foi apenas um professor distinto e um conferencista que, pouco a pouco, pela vastidão e segurança da doutrina, se impôs ao meio exigente. Pelo n.º 10 da primeira prefeitura, voltado para a paisagem deslumbrante do Mondego, — os mesmos aposentos que quem lhe sucedeu em Aveiro haveria de ocupar durante mais de duas dezenas de anos! — passaram muitos jovens seminaristas, que procuravam na direcção espiritual do Dr. Vidal conselho e amparo para as suas vidas.

A hora era ingrata. Estava-se numa época de decadência das instituições. O advento do novo regime, em Outubro de 1910, trouxe a hesitação a muitos espíritos — aos alunos e às suas famílias —, julgando que se avizinhava o fim... Dos 77 alunos que, no ano lectivo de 1909-1910, frequentavam o curso teológico, apenas 31 conseguiram superar a crise e vir a ser padres. Dos 100 matriculados no curso de preparatórios no início daquele ano, restavam 25 em 1912.

NOUTRO HEMISFÉRIO

Lima Vidal já não assistiu aqui à derrocada. Aparente derrocada, pois ela havia de ser o ponto de partida para um clima de maior exigência e de formação mais cuidada. Não há nada neste mundo onde a marca do tempo não deixe impressa a sua dedada.

Nessa altura Lima Vidal já estava noutras paragens: trazia uma cruz ao peito e era bispo de uma das mais extensas Dioceses do mundo — Angola inteira!

Mas, lá em baixo, no outro hemisfério, misturada com muitas outras preocupações, andava também a preocupação da formação dos candidatos ao sacerdócio. D. João Evangelista fez tudo o que estava ao seu alcance para dar ao Seminário e aos alunos que o frequentavam um ar lavado. Mas o momento não era propício para grandes reformas, apesar dos esforços do Prelado.

Vivia-se em período de regalismo. Este não abrandou, mesmo quando o símbolo do poder deixou de ser uma testa coroada para ser uma estátua de mulher encimada pelo barrete frígio. A troco de uma minguada ajuda económica, as instituições eclesiásticas e, entre estas, também os Seminários, estavam dependentes, mesmo no que dizia respeito à sua orgânica interna — estatutos, nomeação do pessoal, etc. — das decisões do Terreiro do Paço!

O Seminário de Luanda havia de viver uma vida precária durante bastantes anos. Por outro lado, as esperanças depositadas por Lima Vidal no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim não encontraram eco na inteligência dos políticos. Pouco lhes interessava que as missões católicas fossem substituídas por missões protestantes ou mesmo por missões laicas. Angola haveria de sofrer na sua própria carne as consequências da miopia dos parlamentares e dos homens de governo.

D. João Evangelista foi feliz, porque, tendo sido testemunha da crise e da derrocada, teve uma vida suficientemente longa para poder assistir à reconstrução e concorrer para ela. Primeiro, em Vila Real e, depois, em Aveiro.

UMA PENA BRILHANTE AO SERVIÇO DE UMA CAUSA NOBRE

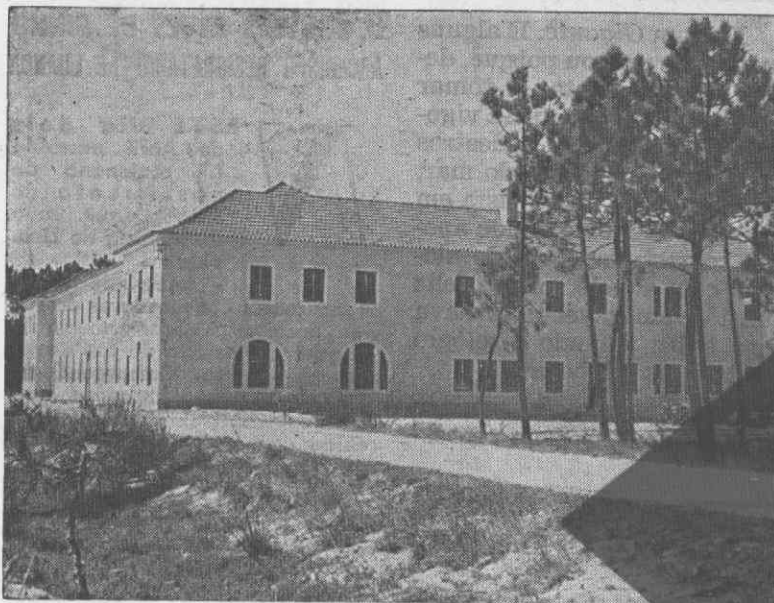
Estão ainda por compilar as páginas que escreveu no Anjo da Diocese — era assim que se intitulava o boletim da Diocese de Vila Real, onde se encontrava arquivado o que Lima Vidal escreveu para incentivar a construção do grandioso e monumental Seminário de Santa Clara — e, sobretudo, as que deixou escritas nas colunas do Correio do Vouga, quando, no penúltimo decénio da vida, teve de deitar ombros à erecção do Seminário de Santa Joana Princesa.

Se um dia, como esperamos, essas laudas se recolherem em volume, ver-se-á de quanto um grande amor é capaz.

Estou em crer que as páginas mais emocionantes saídas da pena do Arcebispo Bispo de Aveiro foram aquelas que consagrou a tocar o sino para a construção do Seminário de Aveiro.

Mas não foram apenas as páginas que redigiu; foram as passadas que deu. Aveiro recorda-se ainda da figura do seu Arcebispo mendigando de porta em porta migalhas para a construção do Seminário. Ao vê-lo entrar em sua casa levado por este fim, alguém, emocionado com o quadro, exclamou, soluçando: «Ahi o Senhor Arcebispo a pedir como os pobres!» e caiu de joelhos.

Valeu a pena o esforço. E valeu a pena num duplo sentido.

Primeiro, porque a obra resultou funcional e bela, ao mesmo tempo. O claustro dos Apóstolos, enquadrado pelos quatro arcos de tijolo vermelho, se não tem a riqueza dos claustros monásticos de outras eras (alguns deles, infelizmente, em ruínas: lembro o claustro do mosteiro beneditino de Tibães, a 10 quilómetros de Braga — que desolação!), tem a leveza que lhe emprestam os materiais empregados e o equilíbrio das proporções.

O claustro interior, de relvado sempre verde, ao longo do qual se alinham os corredores que dão para a capela, para as aulas e para o refeitório, e em cujo pavimento de tijoleira encarnada o sol recorta, em manchas vivas de luz, as janelas amplas em ogiva, tem um ar místico e alegre, a condizer com a juventude que o habita e o fim a que se destina.

Mas seria pouco erguer paredes e construir edifícios, mesmo que estes fossem belos como o Seminário de Santa Joana Princesa. O mais precioso não são as paredes, mas os jovens destinados a ali passarem os tempos lectivos, como alunos internos, e ali se formarem.

D. João de Lima Vidal pôs todo o seu empenho — esse continua a ser o empenho dos seus Sucessores — em que os candidatos ao sacerdócio tivessem uma educação esmerada. Esmerada do ponto de vista de formação intelectual; mais ainda, se possível, do ponto de vista do cultivo das virtudes que fazem o homem e o cristão e, mais tarde, o sacerdote.

O mais importante está aqui.

Durante a sua vida — com uma admirável capacidade de adaptação aos tempos — Lima Vidal não se cansou de o inculcar aos alunos e aos formadores dos alunos.

A sua biografia, escrita com o pormenor de um diário de viagem, virá mostrar, se disso estivéssemos carecidos, como a vida se ajustou à palavra. Sacerdotes e bispos, poderão relembrar, ao ler a vida de D. João Evangelista — uma vida cheia de trabalhos, de preocupações mas aureolada de amor! — como é possível, apesar da fragilidade do barro humano, ser fiel a um ideal que um dia se entreviu.

De certo patriarca do Antigo Testamento diz o texto sagrado que continua a falar, mesmo depois de morto. Do Arcebispo Lima Vidal se pode repetir, com justeza, a palavra da Escritura.

Em cima: um sugestivo ângulo do Seminário de Santa Joana Princesa, construído na quinta da Senhora da Ajuda, em Santiago, — o segundo da Diocese restaurada, para onde transitaram, em 25 de Outubro de 1951, os seminaristas dos cursos de Preparatórios e de Filosofia (o primeiro, em provisória casa da Avenida de Artur Ravara, fronteira ao Jardim Público, abriu em 4 de Outubro de 1939). **Em baixo**: o Seminário de Nossa Senhora da Apresentação, para alunos dos anos liminares, edificado em Calvão, este por impulso de D. Domingos, sucessor de D. João Evangelista, que reconheceria a insuficiência do Seminário principal para albergar os candidatos ao sacerdócio. Abriu em 16 de Outubro de 1960.

Um artigo de

D. MANUEL DE ALMEIDA TRINDADE

BISPO DE AVEIRO

O meu primeiro encontro com

D. JOÃO EVANGELISTA

D. Domingos de Pinho Brandão

BISPO AUXILIAR DO PORTO

CONHECIA-O, era eu ainda estudante, pelo que ouvia e lia. Bispo apostólico e missionário, zeloso e trabalhador. Pena brilhante. Coimbra, Angola, Lisboa, Vila Real, Cucujães, Aveiro.

Pessoalmente só mais tarde o conheci. Era já padre e prestava na ocasião assistência religiosa a uma Colónia de férias de estudantes promovida pela M. P. F., na Praia da Granja. Num passeio-visita que a Colónia fez à cidade de Aveiro, lá fui também. Cheguei tarde, quase na hora do almoço. Lembrei que ficaria bem visitar e saudar, na tarde desse dia, o ilustre Prelado da Diocese e pôr--lhe nas mãos uma pequena oferta para o Seminário de Santa Joana então em construção. Tudo combinado com o P. Fidalgo, dedicadíssimo secretário do Prelado, à hora marcada lá estávamos no Paço Episcopal. Indelével a recordação dessa visita! Saudei o Prelado em nome dos visitantes. Expliquei que, encontrando-nos em Aveiro, nos sentíamos na obrigação de saudar o venerando Pastor da Diocese e colaborar com uma pequena oferta — que era sobretudo um gesto simbólico! — para a construção do Seminário, que então era a grande paixão e o grande amor do Prelado. Uma estudante entregou um envelope com o dinheiro proveniente da quotização dos presentes. O Senhor D. João Evangelista ouviu como quem medita. Quase lhe vieram as lágrimas aos olhos ao ouvir falar do Seminário e ao presenciar o gesto simbólico que acabava de ser feito. «Para o meu Seminário...». Depois, falou. Que lindas palavras nos disse! Conversou longamente. Ternura, simplicidade, presença. De pé, rodeado por todos.

Despedimo-nos. Todos ficámos impressionados com esta visita. Um Bispo que era uma grande Presença. E hoje, depois da morte, continua a ser Presença.

Foi este o primeiro encontro com D. João Evangelista de Lima Vidal. À volta de 1950. O primeiro e o último encontro, pois não tive a sorte de estar com ele mais vezes.

Observação Esperança e Sinceridade

Mons. Aníbal Ramos

VIGÁRIO GERAL DA DIOCESE

PODE ser arriscado reduzir a tres aspectos somente a personalidade complexa e invulgar de D. João Evangelista. Efectivamente, não é fácil seleccionar, em termos de rigor e por ordem prioritária, as três qualidades que melhor definem o modo de ser da Pessoa cujo centenário de nascimento ora celebramos. Corremos o perigo de aplicar aos outros os critérios subjectivos com que nos julgamos e tanta vez nos iludimos a nossos próprios olhos.

O melhor processo de descobrir a personalidade alheia consiste em observar-lhe as reacções quando esse alguém observa os outros, ou então quando se reflecte nos seus gestos mais espontâneos e nos seus movimentos mais naturais, desconhecendo a observação de que é objecto e mostrando-se tal qual é. Todos sabemos que os melhores retratos são aqueles que se fazem quando o retratado ignora que está a ser observado através da objectiva do fotógrafo.

Na breve introdução ao livro «Visitas Pastorais em 1910», escrito quando era Bispo em Angola e Congo, D. João Evangelista confessa com toda a franqueza que preferiu não retocar o manuscrito para o poder apresentar como saiu um dia da sua observação, das suas esperanças e da sinceridade da sua pena. Creio bem que está nesses três substantivos — observação, esperança e sinceridade — a melhor e a mais autorizada síntese da sua rica personalidade.

Observador perspicaz como poucos, D. João Evangelista espalhou por páginas sem conta os frutos preciosos deste seu magnífico dom. As suas descrições de paisagens, de acontecimentos e de estados de alma são modelos acabados do mais puro e encantador realismo. A imagem do objecto descrito não aparece truncada em forma de busto, nem, muito menos, reduzida a simples esboço; mas, antes, nítida em todos os seus contornos físicos e luminosa nos mais íntimos sentimentos anímicos. Bastaria esse assombroso texto de antologia que é A Pesca, coligido em «Lições da Natureza e dos Homens», para demonstrar à saciedade o penetrante espírito de observação do nosso saudoso Arcebispo.

Ao prefaciar a obra acima referida, Jaime de Magalhães Lima começou justamente assim: «este livro é esperança e refrigério para quem o lê e um acto de fé para quem o escreveu». Escusado será reconhecer que viu bem o Patriarca do Vale de Suão, pois os seus belos olhos nostálgicos eram reforçados, nesta crítica, pelas proféticas intuições do sangue. De resto, D. João Evangelista só poderia irradiar esperança se antes a tivesse assumido plenamente, pois ninguém dá o que não tem.

Sincera foi sempre a pena de D. João Evangelista. Sincera porque amava a verdade, sincera porque escrevia o que o autor pensava, sincera sobretudo porque não receava reproduzir o que a sua alma realmente sentia. E dizer o que se sente, sem esconder os segredos da própria intimidade nem temer os juízos da bisbilhotice alheia, exige sinceridade absoluta, singeleza a toda a prova e até uma certa dose de ingenuidade de que só os espíritos superiores saem engrandecidos.

D. João Evangelista teve a coragem raríssima de confessar publicamente, quer por palavras quer por escritos, as traquinices da sua infância, as ilusões da sua juventude e as tentações da idade adulta. Não teve pejo de proclamar sobre os arranha-céus da imprensa as palavras e os gestos ofensivos com que a ignorância alheia por vezes o procurou atingir tanto na sua honra de Homem como na sua dignidade de Bispo. E soube perdoar como poucos, mesmo quando o sangue escorria ainda bem quente dos golpes vibrados pela sanha inexplicável do assassino...

D. João Evangelista comprazia-se em se misturar com os humildes, em se confundir com os pobres, em brincar com as crianças. E foi realmente humilde, pobre, criança. Não admira, por isso, que tivesse sido simples a sua personalidade, e sincera, superiormente sincera, a sua pena de escritor, que foi o espelho onde mais perfeitamente se reflectiu a sua bela alma e a alfaia de que soube servir-se a sua prodigiosa imaginação criadora.

RECORDANDO

D. Manuel Maria Ferreira da Silva

ARCEBISPO TITULAR DE CÍZICO

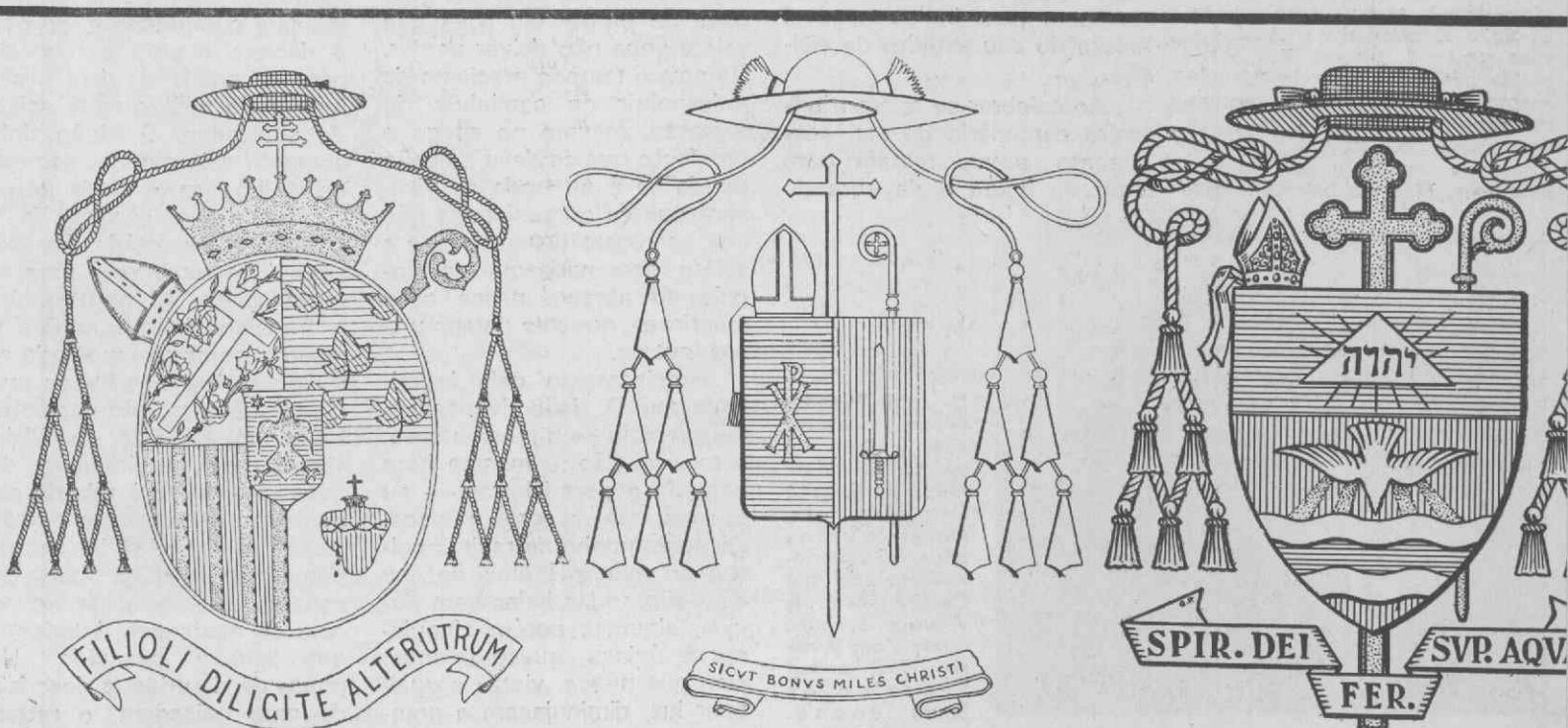
A diocese de Aveiro deve a sua pronta restauração principalmente aos persistentes esforços do Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal.

Foi o seu amor à Santa Igreja e à sua terra de Aveiro que o levou a movimentar a boa vontade de muitas pessoas da região, para que o ajudassem com a sua dedicação, os seus trabalhos e as suas ofertas, para se poder corresponder às exigências da Santa Sé, que não permite a criação ou restauração de uma diocese, sem que haja residência episcopal, Seminário existente ou esperança fundada de o construir e sustentar, e outras exigências de carácter prático.

Ele mesmo o Senhor D. João ofereceu a sua casa em Aveiro para residência episcopal, e concorreu na medida das suas possibilidades, com ofertas em dinheiro para a conveniente dotação da diocese a restaurar, e o seu exemplo e os seus escritos levaram muitas pessoas a imitá-lo, ajudando a juntar o necessário para que a Santa Sé se convencesse de que a diocese podia viver, e viria a ter os recursos suficientes.

Além disso as excelentes relações existentes entre D. João e os dois Núncios, Mons. Beda e Mons. Ciriaci, mas acima de tudo a sua velha amizade com Sua Eminência o Cardeal Pacelli, futuro Papa Pio XII, que era naquela altura Secretário de Estado de Pio XI, o Papa restaurador da diocese, amizade que datava do tempo em que ambos eram alunos do Colégio Capranica de Roma, fez que o Cardeal Pacelli o ajudasse muito a movimentar o processo, visto que ocupava o primeiro posto junto de Pio XI.

Antes mesmo de chegar à Nunciatura de Lisboa a Bula da restauração sabe-se que o Cardeal Pacelli comunicou, debaixo de segredo, a D. João que Pio XI já tinha dado ordem para se passar a Bula, e D. João teve de esperar, muito calado, que o Núncio Ciriaci lhe comunicasse que a Bula chegou à Nunciatura.

Nessa Bula D. João é nomeado Administrador Apostólico da diocese restaurada, porque ainda era o Superior Geral da Sociedade Missionária Portuguesa, e eu recordo-me muito bem de que tive de deixar o meu serviço de bispo auxiliar de Goa para vir ocupar aquele cargo de Superior da Sociedade Missionária, sendo então o Senhor D. João nomeado Bispo da restaurada diocese de Aveiro.

ARMAS-DE-FÉ DOS BISPOS DA DIOCESE RESTAURADA: DE D. JOÃO EVANGELISTA, DE D. DOMINGOS DA APRESENTAÇÃO E DE D. M

Um BISPO recordado pelas gentes de Aveiro

P.e Dr. M. de Pinho Ferreira

Director do «CORREIO DO VOUGA»

NA colecção dos Livros Sagrados que conhecemos sob a designação de Novo Testamento, conservaram-se, providencialmente, duas cartas, atriguídas ao Apóstolo S. Pedro. Uma famosa passagem, contida na primeira delas, viria a adquirir, na vida da Igreja, foros de «Magna Carta», a orientar a actuação dos seus Pastores.

«Apascentai o Rebanho que Deus vos confiou — exortava, aos chefes das comunidades cristãs, o antigo Pescador da Galileia — velando por ele, não contrangidos, mas de boa vontade; não, por sórdido espírito de lucro, mas por dedicação; não, como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas como modelos do vosso Rebanho». (I Ped. 5, 2-3)

Não sei se foi preocupação obsessionante de D. João Evangelista de Lima Vidal ligar cada gesto da sua missão de Bispo a este esquema traçado pelo Príncipe dos Apostolos, como o padrão ideal do Pastor à imagem do Divino Pastor. O certo é que a procurar-se as grandes coordenadas do que se poderá chamar a lição da sua vida, elas virão confluir plenamente ali.

A fazer-se a história de um bispo, poder-se-á tentar a tarefa de dois pontos de partida: ou ir colecionando datas e acontecimentos que teceram a sua vida e ligá-los orgânicamente sobre a linha da continuidade do tempo; ou perscrutando a consciência do povo onde ficou sedimentada a sua obra. Se o primeiro caminho é mais directo para se procurar o homem, o segundo, afigura-se mais apto para tactear o Pastor. Eis um dos casos em que não há a recear as temeridades falaciosas do ditame: «voz do povo, voz de Deus».

Simplesmente, ouvir o povo não significa forçosamente abrir os ouvidos às vozes indiscriminadas das turbas. Pode, no caso concreto, ser critério de maior fidelidade, escutar o povo como ele falou na alma de D. João Evangelista.

Foi aqui que se nos abriu uma janela por onde pudesse entrar uma réstea da vida do Arcebispo Lima Vidal. Para tanto, socorremo-nos da magnífica colecção de textos reunidos e editados em «Aveiro, suas Gentes, Terras e Costumes», uma feliz e valiosa iniciativa da Junta Distrital. Deixemos, então, falar o povo, através da pena de D. João Evangelista...

«Lá quando era tempo de parar o barco, o arrais mandava-o virar de través... Então findava ou, pelo menos, amansava muito o praguedo. A tripulação descobria-se devotadamente, como quem diz: — Agora é com Deus!

E apareciam magníficas cabeças de lobos do mar, tanto os velhos como a novidade!».

Poder-se-á perguntar: donde vinha aquele amor entranhado de D. João Evangelista a Aveiro e suas gentes? Tem-se dito e repetido que a maresia da Ria lhe entrou nas velas por uma osmose tão profunda que lhe fazia parte da massa do sangue. Talvez. Aponte-se, então, o seu intenso bairrismo. Mas um bairrismo que a dedicação de Bispo purificou com uma ternura que só a consciência de Pastor pode revelar.

A missão do Bispo, na Igreja, é servir. Não se trata de mera razão de protocolo que o primeiro Bispo da Cristandade se denomine «Servo dos Servos de Deus». Mas o servir começa no escutar simples e humilde da alma do outro. Com uma confiança tal que vale o homem pelo homem. Ou se preferirmos a linguagem do Evangelho, vale o homem como um irmão.

«Eram dez horas da manhã de 20 de Julho de 1909. Que estava eu a fazer em casa, taciturno, pasmado?! Fugi para aqui... A Barra! O Forte! O Farol! A Ronca! A Capela! Eu já disse Missa naquela ermida. A meio da Missa, ateou-se um ramo seco que deitou uma chama enorme; e um doido manso que estava presente, o Julinho de Esgueira, exclamou aterrado no meio da assembleia: — Ai, Portugal, que te vais à vela!».

Ao percorrermos o vasto património que a pena do saudoso Arcebispo-Bispo nos legou, verificamos uma profusão de temas tal que bem podemos admitir que nenhum dos valores, que entram na história viva de um povo, deixou de seduzir a sua inspiração. Mas toda esta paisagem humana, analizada pelo estilo burilado do escritor ,tinha sentido enquanto informada por uma espécie de alma colectiva que se chamava Aveiro.

Dir-se-á: o homem que, desta forma, soube explorar o mundo das gentes de Aveiro, foi, forçosamente, um filantropo, um espírito democrático desses que ainda sabem alimentar confiança suficiente para acreditarem nas reservas da bondade do povo. Principalmente do povo simples «que, como diria Camilo Castelo Branco, ainda não saiu à rua vociferando que é rei porque é povo».

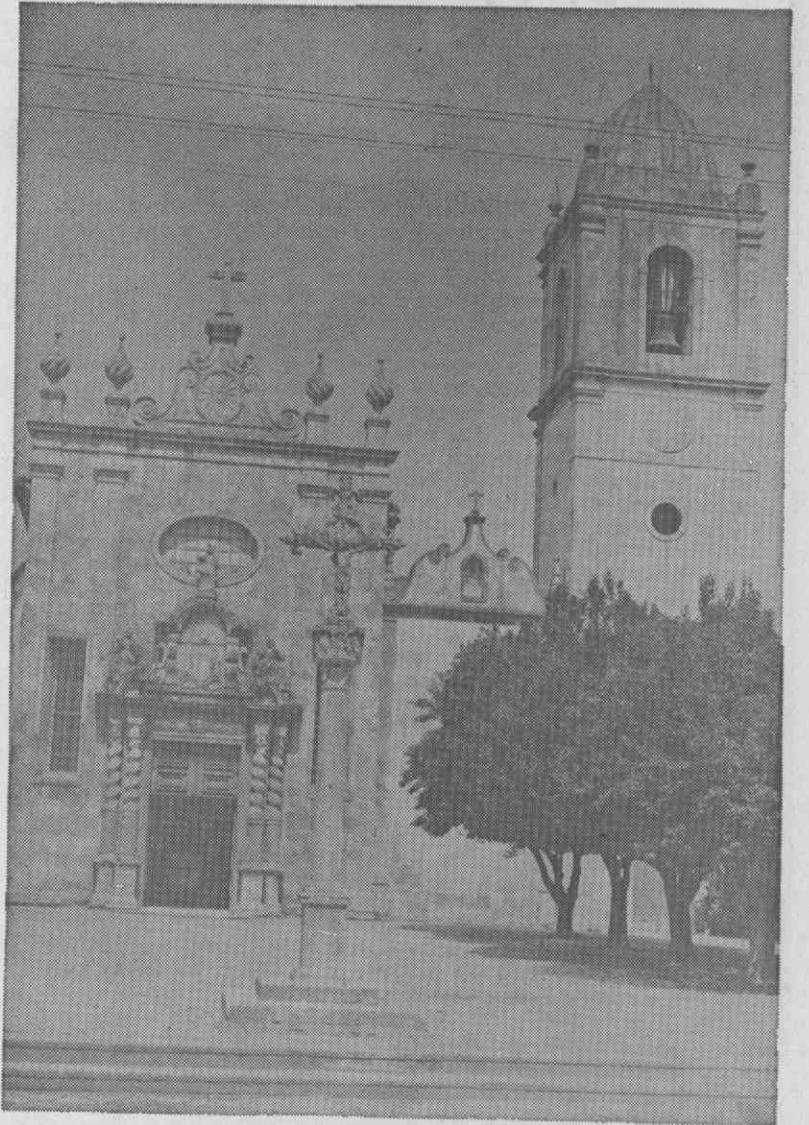
Mas será possível um Bispo ser de outra forma? Ele que tem de acolher, no cerne da sua missão de Pastor, o exemplo do Senhor« que veio para servir e pôr a Vida para a salvação de muitos»? Cabem aqui as palavras de Santo Agostinho aos seus fiéis: «Nós, bispos, somos vossos servidores e vossos companheiros, porque temos todos o mesmo Mestre... Somos superiores e subordinados. Presidimos, mas só enquanto servimos. Um bispo, que não preencha este programa, não é bispo... conserva simplesmente o nome».

Na vida de D. João Evangelista, há uma obra que se tornou uma espécie de símbolo desta sabedoria de viver: a construção do Seminário de Santa Joana. Uma obra que ele quis que fosse de todos. Um pedaço da alma de cada um.

«De quem é o Seminário?(...) Ó peixeira, vai ver nele a sardinha que tu lhe deste! Ó costureirinha, vai ver nele a ponta da tua agulha! Ó garoto, vai ver nele o tostão que tu achaste! Ó banqueiro, ai ver nele o volume das tuas notas! Ó ministro das Obras Públicas, vai ver nele os braços do dezemprego, vai ver nele o pão dos teus operários».

* * *

Ao pôr termo a estas linhas, verifico com decepção que falei demasiado do Bispo e pouco do homem ilustre que Aeiro, muito justamente, quer consagrar entre as personalidades ilustres que honram a sua história. Ficaram-me, porém, na memória as últimas palavras de D. João Evangelista, balbuciadas no leito de agonia: «Estou a celebrar o meu último pontifical...». Vejo nelas um valor sagrado de última vontade: que a falar-se de sua vida a interpretássemos fundamentalmente como a de alguém que, na missão de Bispo, quis servir fiel e devotadamente a Igreja.

A ser assim, a decepção não aflige demasiado...

A actual Sé de Aveiro, primeira da Diocese restaurada, é a antiga igreja da Senhora da Misericórdia, hoje sob a invocação de S. Domingos, velho templo a que ficava anexo o convento dos dominicanos aveirenses.

ou de pé ou de joelhos

Padre Manuel Caetano Fidalgo

antigo Director do «CORREIO DO VOUGA»

NAQUELES derradeiros anos da sua vida, precisamente desde 15 de Outubro de 1946 até 5 de Janeiro de 1958, privei de perto com D. João Evangelista de Lima Vidal. Foi honra e prazer essa admirável convivência de mais de uma década, só interrompida pela morte do grande Prelado. E em mim ficou até hoje, e ficará para para sempre, uma infinda saudade pela sua querida memória, quase um culto que só homens raros merecem pela inultrapassável beleza do seu espírito de eleição.

Ao celebrar-se agora o primeiro centenário do seu nascimento, pouco restará para dizer da figura e da obra do bispo, nos multímodos aspectos em que uma e outra se afirmaram, ao serviço da Igreja e da Pátria. Também o seu peculiaríssimo aveirismo, que nele lhe vinha, em pureza, da raiz do berço, e o tomava de espanto e de assombro, e era cântico permanente a encher-lhe os olhos e a alma, sem um hiato, sem um desvio, sem uma quebra na dádiva à terra-madre, — também essa característica da sua inconfundível personalidade, que tanto obrigava o homem como o escritor, anda aí sabida por todos e todos se esforçam por trazer ao de cima das querelas do burgo, em lição que vale a pena não deixar perder. Os nossos tempos precisam de redescobrir os caminhos do regresso, mesmo no apego e no afecto que se deve ao chão donde se é ou onde se vive, para que as comunidades não nos apareçam desagregadas e soltas, sem nada que as vincule no abraço, nesse caso mentiroso, que nos damos uns aos outros.

Precisamente pela intimidade que D. João Evangelista me permitiu — a mesma casa, o mesmo pão, a mesma hora para rir e para chorar — eu poderia, talvez como poucos, dar testemunho de muitas coisas do mundo íntimo do seu dia-a-dia, todas belas sem dúvida, algumas porém singulares e únicas, quase infantis, sem que nunca, vistas a qualquer luz, diminuissem a grandeza da sua riquíssima personalidade. Era ele sempre, humilde e bom, mergulhando nos silêncios místicos da contemplação ou abrindo-se a todas as vozes que lhe viessem dos outros, quando os outros precisavam de alguém que os ouvisse e entendesse.

Afirmei há pouco, em lugar público, qual era a sua maneira de escrever, não digo no que se refere ao estilo, por todos reconhecido como de beleza ímpar, mas no jeito mesmo de todos os livros que publicou ou para os artigos sem conta que ficaram espalhados pelos jornais e pelas revistas do seu tempo. E para o simples despacho, ou para a carta de sentido pastoral e apostólico ou de circunstância e cumprimento, ou para o decreto e para o relatório, para a homília ou para o sermão, para tudo quanto saísse da sua pena, D. João tinha somente dois modos: escrevia de joelhos ou escrevia de pé.

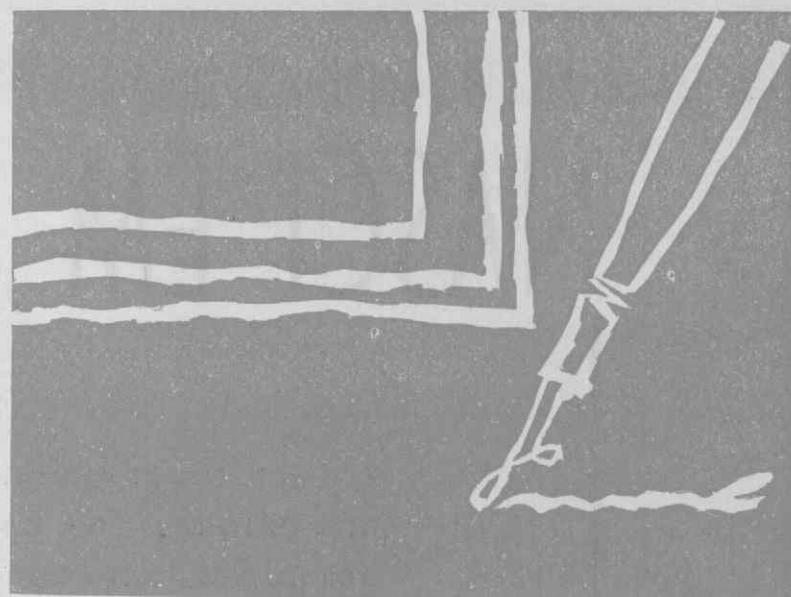
Pouquíssimas vezes o vi sentado à secretária. Em sua casa, lugar predilecto para ele era a capela. Aí, corpo miúdo e franzino dobrado sobre si mesmo, como que medindo-se, redigir as laudas para os muidiante de Deus, entre as estrelas e os abismos, as ideias absorviam-no inteiramente, dominavam-no até à raiz do ser, punham-no por vezes em êxtase, e o verbo lhe corria, como asa que se liberta no espaço, para se tornar em veículo da mensagem interior de que estava possuido. Um ponto de doutrina, a descrição de uma paisagem, o retrato de uma figura, a crónica de um acontecimento, o aplauso a um gesto ou a reprovação de uma atitude, mesmo a página corrida do seu diário — tudo, quando escrevia, lhe era merecedor de igual e permanente cuidado, de respeito por si próprio e pelos outros. Fugia-lhe a pena, neste e naquele quadro, para a imaginação e para a fantasia?! Mas nunca o texto, à maneira das parábolas, lhe ficava sem uma lição — o destino final para onde a alma se volvia, sempre no propósito, às vezes angustiado, de semear estrelas de luz à beira de todos os caminhos. EsEcritor-apostolo, vidamente.

Em D. João, não era a forma pela forma ou a arte pela arte que estava em causa. Escrever, para ele, sua paixão e sua glória, era um modo de estar no mundo, como hoje se diria. Mergulhava mais fundo e subia mais alto o seu invencível e invencido desejo de comunicar. Talvez profeta, mas sem arreganhos para os outros, pois que também não tinha refolhos no coração nem sentia arrepios na inteligência.

Humilde e bom, corajoso e firme — são termos que bastam para definir a sua vida. E dentro dos mesmos termos se quadra toda a sua obra literária.

Como homem e como bispo, soube ajoelhar e soube estar de pé. Sempre. Ou de pé ou de joelhos — as duas maneiras que tinha para escrever o admirável e singular artista que foi D. João de Lima Vidal.

D. João Evangelista conversa com a irmã de sangue, Madre Maria de S. João Evangelista que, durante muitos anos, foi Superiora-Geral da sua Congregação. A virtuosa senhora fundou em Aveiro (1953) o Lar Feminino de Santa Joana.

PÁGINAS de LIMA VIDAL

1 — *Carta de Roma. Boletim Estrangeiro — Itália. Itália.* Série numerosa de artigos no *Correio Nacional;* Lisboa, 6-XI-1893 a 24-V-1895.

2 — *A Batalha do Bussaco — Discurso proferido na capella de Nossa Senhora da Victoria no Bussaco aos 26 de Setembro de 1897.* Aveiro, 1897 (26 pgs).

3 — *Panegyrico de Santa Joanna Princesa recitado na Igreja de Jesus, em Aveiro, no dia 15 de Maio de 1898.* Coimbra, 1899 (18 pgs).

4 — *O Ensino Theologico Romano.* Série de artigos no *Correio Nacional;* Lisboa, 1899.

5 — *Opusculos Theologicos. I — Existencia e Attributos de Deus — Tradicionalismo e Ontologismo; A immutabilidade e a liberdade de Deus.* Coimbra, 1899 (50 pgs).

6 — *O primado Pontifício — Conferências religiosas recitadas na Sé Cathedral de Coimbra.* Coimbra, 1900 (64 pgs.).

7 — *O Symbolo dos Apostolos — Elucidário Dogmatico.* Coimbra, 1901 (295 pgs.).

8 — *A Sciencia Divina. Controversia dos Futuriveis.* Coimbra, 1902 (46 pgs.).

9 — *Synopse da Theologia Moral. Volume I* — Coimbra, 1902 (307 pgs); Volume I — Coimbra, 1903 (292 pgs.).

10 — *Esplendores do Sacerdocio.* 1.ª edição — Coimbra, 1905 (303 pgs.); 2.ª edição — Petrópolis, Brasil, 1938 (311 pgs.).

11 — *Compendio da Doutrina Christã prescripto por Sua Santidade Pio X para as Dioceses da Provincia de Roma.* Traduzido do italiano e anotado. *I — Primeiras Noções de Catechismo para as creanças de tenra edade.* Coimbra, 1905 (16 pgs.); *II — Catechismo Breve para os meninos que se preparam para a primeira comunhão.* Coimbra, 1906 (59 pgs.); *III — Catechismo Maior* (precedido das duas primeiras partes anteriormente publicadas). Coimbra, 1906 (total de 356 pgs.).

12 — *Theologia para Todos — I. Com uma carta de Sua Excellencia Reverendíssima o Senhor Bispo Conde.* Coimbra, 1908 (415 pgs.).

13 — *Saudação Pastoral do Bispo de Angola e Congo aos seus Diocesanos — 29 de Junho de 1909.* Coimbra, 1909 (19 pgs.).

14 — *Instrução pastoral sobre a Catechese Christã — 1 de Setembro de 1909.* Loanda, 1909 (3 pgs. em formato grande).

15 — *Arte e Sciencia — Leitura para os Seminaristas de Loanda. I — Raphael.* Huilla, 1910 (15 pgs.); *II — Mimetismo animal. Circulação do Sangue.* Loanda, 1910 (14 pgs.); *III — Um caso de Philosophia Moral.* Loanda, 1911 (29 pgs.); *IV — Guido Reni.* Loanda, 1911 (16 pgs.); *V — Mexico — Episodio escholar em dois actos.* Huilla, 1911 (32 pgs.).

16 — *Regulamento Provisorio do Seminario Episcopal de Loanda, approvado por Provisão de 2 de Abril de 1910.* Loanda, 1910 (46 pgs.).

17 — *Alexandre Herculano* — Discurso proferido em Loanda em 28 de Abril de 1910. Loanda, 1910 (10 pgs.). Traduzido para castelhano por Don Francisco Franco Lozano : *Alejandre Herculano.* Badajoz, 1913 (23 pgs.).

18 — *Allocução proferida pelo Bispo de Angola e Congo na Distribuição de Premios aos Alumnos do Seminario Diocesano a 1 de Maio de 1910.* Loanda, 1910 (8 pgs.).

19 — *O Abbade de Claraval — Palavras proferidas na Capella de S. Bernardo, em Aveiro ,no dia 23 de Agosto de 1908.* Huilla, 1911 (17 pgs.).

20 — *Seminario de Loanda (1909-1910) — Relatório para a Bulla da Cruzada.* Loanda, 1911 (9 pgs.).

21 — *Semana Santa na Sé Cathedral de Loanda (1911) — A Paixão.* Loanda, 1911 (12 pgs.).

22 — *Allocução proferida na Distribuição de Premios aos Alumnos do Seminario Diocesano em 7 de Maio de 1911.* S. Salvador do Congo, 1911 (14 pgs.).

23 — *Seminario de Loanda (1910-1911) — Relatorio para a Bulla da Cruzada. Coimbra,* 1912 (8 pgs.).

24 — Relatorio sobre as Missões Diocesanas (1909-1910). Coimbra, 1912 (15 pgs.).

25 — *Visitas Pastoraes em 1910.* Loanda, 1912 (198 pgs.).

26 — *Discurso proferido pelo Bispo de Angola e Congo na sessão solemne com que a Associação Beneficente dos Empregados do Commercio Commemorou o encerramento dos estabelecimentos às 19 horas (13.VII-1912).* Loanda, 1912 (Uma pg. a três colunas).

27 — *O Sacramento do Baptismo.* N.º VIII da colecção «Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia» da Casa Editora de A. Figueirinhas. Porto, sem data (46 pgs.).

28 — *Relatorio sobre as Missões Diocesanas (1910-1911).* Coimbra, 1913 (11 pgs.).

29 — *Liga Angolana* — Discurso pronunciado em 24 de Março de 1913. Loanda, jornal *A Verdade,* 2-IV-1913 (2 colunas).

30 — *Provisão sobre o Jubileu Constantiniano.* 10-VII-1913. Huambo, 1913 (folha de uma pág.).

31 — *Lições da Natureza e dos Homens.* Coimbra, 1914 (XI + 362 pgs.).

32 — *Ignis Ardens — Allocução proferida na capella de S. Bernardo, suburbios d'Aveiro ,no dia 23 de Agosto de 1914.* Coimbra, 1914 (15 pgs.).

33 — *A Diocese de Angola e Congo — Exposição ao Senhor Ministro das colonias.* Coimbra, 1915 (24 pgs.).

34 — *Entre Amigos — Pescando uma Pérola. Um discurso de D. João Bispo de Angola e Congo, e uma explicação prévia de Accacio Roza.* Aveiro, 1915 (18 + 14 pgs.).

35 — *Dae aos Pobres por Amor de Deus — Duas palavras do Bispo de Angola e Congo na distribuição do Pão de Santo Antonio a 13 de Agosto de 1915 na egreja de Santo Antonio d'Aveiro.* Aveiro, 1915 (17 pgs.).

36 — *Por Terras d'Angola.* Coimbra, 1916 (487 pgs.).

37 — *Sagração dos Altares Portáteis segundo o Pontifical Romano.* Tradução do latim. Lisboa, 1919.

38 — Artigos numerosos na revista diocesana do Patriarcado de Lisboa *Vida Catholica,* Lisboa, 1916 a 1923.

39 — *A Saudação Pastoral do Primeiro Bispo, 24.X-1923.* Lisboa, 1923 (12 pgs.).

40 — *Memoria do Primeiro Congresso da Catechese* (Vila Real, 16, 17 e 18 de Junho de 1925). Teses e comunicações. Introdução e 1.ª tese de Lima Vidal. Lisboa, 1925 (196 pgs.).

41 — *Instruções e ordenações do Ordinário da Diocese sobre o respeito devido aos templos.* 23-VII-1925. Vila Real, A. D. II, 12, 13 e 14, 31-VII-1925, pgs. 155-160.

42 — *Jubileu do Ano Santo,* 25-1-1926. Vila Real AD, III, 1 e 2, 31-I-1926, pgs. 1-5.

43 — *Exortação Pastoral sobre o Problema da Emigração, 22-II.1927.* Vila Real, 1927 (7 pgs.).

44 — *Exortação do primeiro Bispo da Diocese de Vila Real de Trás-os-Montes aos seus caríssimos cooperadores ,especialmente aos seus párocos, sobre a próxima abertura do Seminário Diocesano.* 21-VI-1930. Vila Real, AD, VII, 3, VII-1930, pgs. 76-82.

45 — *Oração Fúnebre proferida pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo-Bispo de Vila Real, D. João Evangelista de Lima Vidal, nas exéquias solenes que se realizaram a 19 de Novembro de 1930 na igreja Catedral de Coimbra por ocasião do primeiro centenário do nascimento do saudoso Bispo Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina.* Coimbra, 1931 (15 pgs.).

46 — *Pastoral sobre o problema moral contemporâneo.* 30-IV.1931. Vila Real, 1931 (27 pgs.).

47 — Numerosos artigos e documentos episcopais no boletim diocesano de Vila Real *O Anjo da Diocese.* Vila Real, 1923 a 1933.

48 — *Colégios das Missões Ultramarinas dos Padres Seculares Portugueses — Da direcção espiritual dos alunos dos nossos Colégios.* Cucujães, 1931 (8 pgs.).

49 — *Instruções do Superior Geral aos Reitores dos Colégios das Missões Ultramarinas do Clero Secular Português.* Cucujães, 1932 (15 pgs.).

50 — *A Restauração do Bispado de Aveiro.* Série de treze artigos no *Correio do Vouga.* Aveiro, 11-III-1933 a 23-XII-1933.

51 — *Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas. Direcção-Geral. Normas para a Admissão dos aspirantes.* 1-VI-1934. Cucujães, 1934 (8 pgs.).

52 — *A Acção Missionária.* Conferência proferida a 28-VII-1934, no Teatro da I Exposição Colonial Portuguesa. Porto, 1934 (18 pgs.).

53 — *Auctótones e immigrados na Africa do Sul.* Conferência inaugural da 1.ª Secção do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Porto, 1934 (17 pgs.).

54 — *O que são as Missões* (Breve Catecismo Missionário). Cucujães, 1934 (63 pgs.).

55 — *D. Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas.* Cucujães, 1938 (519 pgs.).

56 — *D. Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas — Album de Gravuras.* Cucujães, sem data (48 pgs.).

57 — *Pelo Seminário — Pastoral.* 27-XII.1938. Cucujães, 1938 (10 pgs.).

58 — *Oração Fúnebre pronunciada pelo Administrador Apostolico da Diocese, na Sé Catedral, nas exequias por alma de Sua Santidade Pio XI.* Aveiro, 1939 (4 pgs)., em 4 col.).

59 — *Regulamento Provisório do Seminário Diocesano de Aveiro.* Cucujães, 1939 (45 pgs.).

60 — *O Apóstolo S. Tomé.* Alocução proferida na capela de S. Tomé de Verdemilho, a 25-VII-1939, precedida de um *In-limine* por Acácio Rosa. Aveiro, 1939 (17 pgs.).

61 — *Seminário da Diocese de Aveiro. Práticas Quotidianas de Piedade.* Aveiro, 1940 (55 pgs.).

62 — Frequentes artigos tanto na *Cruzada Missionária* (Cucujães, 1932-1940) como n'*O Missionário Católico* (Cucujães, 1932-1940).

63 — *Diocese de Aveiro. Decreto sobre diversos pontos de disciplina eclesiástica.* Aveiro, 1940 (49 pgs.).

64 — *Comemorações Portuguesas de 1940. Influência do factor moral e religioso no desenvolvimento da população.* Comunicação apresentada à IV Secção do Congresso Nacional de Ciências da População. Porto, 1940 (9 pgs.).

65 — *A Acção Missionária no Aldeamento Indigena.* Discurso no Congresso Colonial de Lisboa, em 1940. Aveiro, *Correio do Vouga,* 496, 28-IX.1940.

66 — *Côro Falado. Congresso Eucarístico de Anadia.* Aveiro, 1941 (8 pgs.).

67 — *Reforma dos Estudos de Preparatórios do Seminário de Santa Joana de Aveiro.* Aveiro, 1942, (12 pgs.).

68 — *Sínodo Diocesano de Aveiro,* 21-V-1944. Aveiro, 1944 (XXXIX + 303 pgs.).

69 — *A Porta da Capelinha.* Colectânea de artigos extraídos d'*O Missionário Católico,* 1934-1935. Cucujães, 1946 (63 pgs.).

70 — *Há 25 anos em Tomar.* Discurso nas bodas de prata do Seminário das Missões de Tomar, a 28-IX-1947. Aveiro, *Correio do Vouga,* 855, 4-X-1947.

71 — *Estatuto do Seminário Diocesano de Aveiro.* Coimbra, 1949 (46 pgs.).

72 — *Provisão sobre o Ano Santo em toda a Igreja. 23-I-1951. CV,1025,* 27-I-1951, pg. 5.

73 — *Diocese de Aveiro.* Exortação Pastoral. 11-XII.1952. Seguida do decreto da criação do *Centro de Acção Pastoral* (25-XI-1952) e do Estatuto da *Obra das Vocações e dos Seminários* (15.V-1952). Aveiro, 1953 (23 pgs.).

74 — *Provisão sobre o Jejum Eucarístico e Missas à tarde.* 31-I-1953. *CV,* 1127, 31-I-1953, pgs 7 e 9.

75 — *Diocese de Aveiro. Instrução Pastoral sobre Catequese, seguida do «Estatuto» e do «Regulamento» da Catequese.* 11-XII-1953. Aveiro, 1953 (20 pgs.).

76 — *Diocese de Aveiro. Instrução Pastoral sobre o Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa.* Com «Apêndices». 25-III.1954. Aveiro, 1954 (15 pgs.).

77 — *Instrução Pastoral sobre a segunda viagem da Virgem Peregrina de Fátima através da Diocese de Aveiro.* 31-5-1957. Aveiro, 1957 (12 pgs.).

78 — Numerosos artigos dispersos no *Correio do Vouga,* não só em fundo como também sob os títulos de «Pelo Seminário», «Evocações», «Errata-Corrige» e outros. Documentos do governo episcopal no mesmo semanário da Diocese de Aveiro, 1938-1958.

79 — *Últimas páginas.* Edição póstuma de uma série de últimos artigos, com prefácio de D. Domingos da Apresentação Fernandes. Aveiro, 1959 (227 pgs.).

80 — *O Meu Diário de Viagem.* Edição póstuma de um manuscrito sobre uma viagem a Roma em 1932-1933. Aveiro, 1967 (254 pgs.).

81 — *Aveiro, Suas Gentes, Terras e Costumes.* Selecção póstuma de artigos, feita por João Gonçalves Gaspar. Aveiro, 1967 (385 pgs.).

NASCI EM AVEIRO...

Eu nasci em Aveiro, ao que suponho na proa de alguma bateira. Fui baptizado à mesma hora, nas águas da nossa Ria. Abriram-se-me os ouvidos ao som cadencioso dos remos no mar, ao pio estrídulo das famintas gaivotas, ao praguedo inocente dos pescadores. Encheu-se-me o peito à nascença do ar salgado da maresia. S. Francisco de Assis chamava a estas coisas irmãos, chamava a estas coisas irmãs: o irmão Vouga, o irmão luar que à noite o prateia, os irmãos peixes, as irmãs espumas, areias, estrelas.

Mas aqui há mais do que uma simples fraternidade, há mais do que a suave harmonia da natureza e da alma de Aveiro; chego a crer que há uma verdadeira encarnação, o encontro de duas coisas no mesmo ser.

Nós, os de Aveiro, somos feitos, dos pés à cabeça, de Ria, de barcos, de remos, de redes, de velas, de montinhos de sal e areia, até de naufrágios. Se nos abrissem o peito, encontrariam lá dentro um barquinho à vela, ou então uma bóia ou uma fateixa, ou então a Senhora dos Navegantes.

Assim plasmado de Aveiro, com os beiços a saber a salgado, a pingar gotas da Ria por todo o corpo, por toda a alma,/.../ eu sou uma nesga, embora minúscula, desta deliciosa aguarela de Aveiro; eu sou um pedaço da nossa terra /.../

D. JOÃO EVANGELISTA

De um discurso proferido em 3 de Nov. de 1952

N.º 2189 Litoral N.º 1006 Lutador N.º 48… — AVEIRO, 2 DE ABRIL DE 1974 — (AVENÇA)